

## OUTRAS CONTRIBUIÇÕES SOBRE A HISTORIOGRAFIA DAS IDEIAS NO BRASIL E PORTUGAL

### 19. A Missão Francesa e a Fundação do Departamento de Filosofia da USP

Prof. Ivan Domingues

Universidade Federal de Minas Gerais

[joaopr25@yahoo.com.br](mailto:joaopr25@yahoo.com.br)

Data de recepção: 26/02/2017

Data de aprovação: 20/03/2018

#### 1.Considerações iniciais

Trata-se de pensar o papel da *Missão Francesa* na fundação da FFLCH da Universidade de São Paulo (USP) e, por extensão, do Departamento de Filosofia, na esteira do meu livro recém-publicado, *Filosofia no Brasil: ensaios metafilosóficos* (Ed. UNESP, 2017), tendo por escopo o cruzamento da metafilosofia e da história intelectual.

Por um lado, a *metafilosofia*, ao dar azo à natureza essencialmente reflexiva da filosofia, levando-a a tomar como objeto a si mesma, e assim a perguntar pela filosofia da filosofia ou pela natureza da filosofia, inclusive da filosofia brasileira. Um pouco como Williamson em seu instigante *Metaphilosophy*, com as armas e as bagagens da filosofia analítica e ele mesmo se colocando como ex-analítico às voltas com o *post-conceptual turn* da filosofia anglofônica. E, mais especificamente, no meu caso, na extensão de *O continente e a ilha*, de minha lavra pessoal e cuja segunda edição veio a lume em fins de 2017, ao longo do qual eu me ocupo do *affaire* dos analíticos e dos continentais – *affaire* esse que teve como protagonistas, antes de se falar de nomes, a tradição anglo-americana e a tradição franco-alemã, uma fazendo filosofia na extensão da lógica, outra na da história da filosofia. Agora, no livro da UNESP foi a vez do Brasil, com suas especificidades, da colônia aos nossos dias, onde vai se inscrever no curso do século XX, perfazendo um total de cinquenta anos, o *affaire* da Missão Francesa e a experiência da fundação do Departamento de Filosofia da USP. Mais tarde apelidado por Foucault de um “*département français d’outre-mer*”, tão grande foi a influência lá deixada por seus colegas *normaliens* que integraram a Missão, numa experiência inédita de transplantação intelectual que se estendeu de 1934 a 1984.

Por outro lado, a *história intelectual*, na acepção da história da intelectualidade ou história da *intelligentsia*, visada como corporação com seu *ethos* e *esprit de corps*, na esteira do historiador francês Sirinelli, com vários livros publicados, nos quais ele se ocupa do surgimento intelectual republicano francês, vem a ser o intelectual público politicamente engajado, tal como Sartre, e historicamente modelado pelo *affaire* Dreyfus e o artigo famoso de Emile Zola *J'accuse*, que veio a lume no final do século XIX. Outra referência é o historiador alemão Fritz Ringer e o seu não menos essencial *O declínio dos mandarins alemães*, cuja edição inglesa saiu em 1990 e a brasileira em 2001. No meu caso – ao deslocar o foco, passando da Europa ao Brasil, e ao considerar outra circunscrição temporal, não mais as últimas décadas do século XIX e as primeiras do XX, mas um período histórico bem mais amplo, da colônia aos nossos dias – logo me vi às voltas com uma massa enorme de biografias e dados empíricos, junto com uma diversidade maior de figuras e experiências intelectuais ao tipificar a *intelligentsia* filosófica brasileira: desde o clérigo católico da colônia, passando pelo diletante do império e da república velha, até os nossos intelectuais públicos republicanos e ainda os nossos mandarins, num país novo como o nosso, e, desde logo, não decadentes como os alemães e os franceses, mas recém-chegados e fulgurantes. Para tanto, com o propósito de estabilizar essas diferentes figuras, além

de organizar a empiria em sua riqueza de detalhes e variações, depurando-as e projetando sobre elas as luzes do intelecto, adotei a metodologia dos tipos ideais de Max Weber: à minha maneira e com meus propósitos, mediante ajustes e *tours de forces* vários, haja vista que Weber nunca usou seu método famoso no campo da história intelectual.

## 2. Reflexões sobre a História filosófica brasileira

Que fique então claro de uma vez por todas: ao cruzar *história intelectual*, na acepção da história da intelectualidade e da *intelligentsia* filosófica brasileira, e *metafilosofia*, com o propósito de indagar pela filosofia da filosofia brasileira, ao colocar o tema do nacional no centro das investigações como contraponto da filosofia universal, e desde logo explorando dois gêneros literários pouco comuns no campo da filosofia, não se terá em mãos nem um livro de história da filosofia, nem de um livro exegese filosófica. Trata-se de outra coisa, de uma metafilosofia histórica ou historicizada em suma, portanto, diferente da metafilosofia analítica e logicista de Williamson, que concede um papel de vulto ao ferramental da lógica modal em sua reconstrução da filosofia contemporânea de língua inglesa, não sendo esse o meu caso – e este ponto é essencial, no meu modo de ver, entrando a exegese filosófica como fonte e a história da filosofia como meio ou instrumento, não como tema ou objeto.

Passando aos tipos que eu modeliei com a ajuda da metodologia weberiana, um total de cinco, quais sejam: o intelectual orgânico da igreja, o diletante estrangeirado egresso do direito, o *scholar* ou o especialista modelado pelas ciências duras, o intelectual público republicano e o intelectual cosmopolita globalizado, ao tomar como foco a intelectualidade filosófica brasileira, antecipo que não poderei descrever e tratar *in extenso* o conjunto analisado ao longo do livro. O que eu vou fazer aqui em Mariana, como aliás venho fazendo em outros pontos do país, é tratar somente de um tipo, a saber, como prometido, a figura do *scholar* modelado pela Missão Francesa no curso do processo da fundação da USP, ao explorar o liame que nos levará mais tarde ao *expert* das ciências duras e que depois chegará à filosofia nos quatro cantos do globo. Contudo, não haverá tempo para eu tratar no detalhe da construção do tipo e do caminho que eu segui. O que vou fazer na sequência é fornecer a súmula dos principais traços ou caracteres do tipo ideal do *scholar*, ao colocar na agenda analítica a fusão do virtuose afrancesado e do *expert* americanizado. Feito isso, eu vou focalizar os nomes dos missionários franceses associados de uma maneira ou de outra ao tipo – os *normaliens* – e indagar qual deles melhor instancia ou exemplifica o tipo, bem como as alternativas.

O tipo ideal do *scholar* eu forneci no livro ao longo das p. 413-415, colocando em evidência um conjunto de traços característicos, tais como [1] o *ascetismo*, que ele compartilha com todos os intelectuais, pois todo o intelectual é um asceta, do grego *askesis*, que significa exercício que leva à disciplina, ou a busca disciplinada do conhecimento, [2] o *criticismo*, igualmente compartilhado com outras figuras, pois por definição todo intelectual é hiper-crítico e desconfiado das aparências da realidade e da opinião corrente, exigindo o pronto exame das matérias ou indícios que tem em mãos, antes de dar o seu veredito final, e levando àquilo que Merton chamou de “ceticismo organizado”; [3] o *virtuosismo*, do italiano *virtuoso*, guardado pelo francês *virtuose*, migrando depois para o português, na acepção de “habilidade técnica”, de largo uso na música, ao se referir ao músico dotado de grande habilidade ao tocar um instrumento, como o violino, e depois estendida a qualquer área profissional, como estabelecido pelo Dicionários Caldas Aulete, ao designar alguém excepcional ou com grande perícia naquilo que faz ou executa: assim, ao generalizar, seguindo as pegadas de Aulete, estaremos autorizados a falar de virtuosismo do artesão, próprio dos diferentes ofícios, e estender a noção ao conhecimento e aos ofícios das letras, em cujo percurso vamos encontrar o erudito das humanidades.

Ora, ao aplicar o tipo assim figurado ao *normalien* da Missão Francesa e mais tarde ao *expert* americanizado das ciências duras, o desafio era, pois, achar o liame e juntar no mesmo

modelo de intelectual o virtuose, o erudito e o *scholar*. Como mostrei no livro, em se tratando de um tipo ideal à maneira de Weber, a busca e, mais ainda, a descoberta do liame só foi possível e tornou-se factível com os serviços do ferramental da lógica e das técnicas da reconstrução histórica, levando-me a recuar a análise da figura intelectual em apreço ao *ancien régime*, por assim dizer, à procura do fio da meada. Ou seja, a era pré-moderna, e mesmo modernidade adentro, abarcando um vasto lapso temporal em que a ciência e as letras estavam ainda na era do artesanato, e em cuja circunscrição estaremos autorizados a estender o virtuosismo do artesão ao virtuose das letras ou o erudito, pois o erudito, além de culto e letrado, por oposição ao vulgo iletrado e rude, é um artífice ou um artesão do conhecimento, e desde logo um perito em seu ofício. Já o *link* entre o erudito, o virtuose e o *scholar*, ao contrário do que poderia parecer, não apresenta maiores dificuldades, uma vez que os vocábulos ingleses *scholar* e *scholarship* são a tradução para a língua de Shakespeare dos latinos *eruditus* e *eruditio*: daí a noção de *expertise* que acompanha o *scholar* moderno, com habilidade e treino para desincumbir de sua tarefa com sucesso e competência, nem mais, nem menos que o antigo erudito versado num certo assunto ou área do saber.

Terminando a construção do tipo, ao focalizar outros aspectos do *ethos* do *scholar*, com Weber por uns tempos à parte, eu recorri ao americano Robert Merton para dar-lhe o arremate, ao propor os quatro componentes do *ethos* da ciência, ao qual eu me referi na p. 493 do livro: além do “ceticismo organizado”, já assinalado e que eu integrei ao criticismo, eu me reportei ao e procurei desenvolver o terceiro traço que coloca em evidência a conversão moral ao conhecimento, com a ciência e a verdade se convertendo em valor intrínseco e impessoal (bem da civilização), e, portanto, enfim em si mesmo (conhecimento pelo conhecimento). Em paralelo, antes de enfrentar a questão de sua desintegração, p. 493-394 e ss, eu tratei de mostrar que o *scholar* moderno guarda em comum com o erudito antigo mais dois traços essenciais que irão somar-se ao ascetismo, dando-lhe um viés próprio ou todo seu: especificamente, o gosto da solidão e a busca do isolamento interior, proporcionado pelo gabinete ou o laboratório, em vez do apostolado intelectual e pregação no mundo do jesuíta ou do brilho de salão do diletante, e ainda o amor à minúcia tendo como contraponto o espírito sinóptico, nas duas variantes que vão caracterizar o erudito antigo, quando o conhecimento estava na idade do artesanato e operava numa escala mais limitada, como comentado: numa vertente, a variante do especialista e do colecionador, qual um entesourador, que acumula passo a passo os tesouros do conhecimento, como o monge beneditino, os filólogos gregos e os historiadores de todos os tempos; noutra vertente, a variante do polímata e do enciclopedista, este mais raro e em processo de desaparecimento, em razão do aprofundamento da divisão do trabalho intelectual e da ultraspecialização do conhecimento. Ao longo do livro, ao distinguir as duas variantes que tipificam o erudito, vale dizer o *scholar*, eu identifiquei o *scholar* de tipo 1 ou o enciclopedista; e o *scholar* de tipo 2 ou o especialista, que venceu, quando a filosofia e a ciência deixaram a era do artesanato para trás e entraram na idade da indústria, à produção em série e à especialização do conhecimento, trocando o virtuosismo do artesão pela taylorização acadêmica.

### 3. Considerações finais

Minha tentativa será então reconstruir, com a ajuda do método dos tipos ideais de Weber, as vias seguidas pela Missão Francesa ao transplantar para o Planalto do Piratininga, na esteira da fundação da FFLCH da USP e do Departamento de Filosofia, o modelo da École Normale e da velha Sorbonne: ambas tendo na linha de frente os *normaliens* e seu *ethos*, ao longo dos cinquenta anos em que a dita Missão esteve na *avant-scène* da filosofia da USP e, mesmo do Brasil, com presença também em Belo Horizonte e no Rio de Janeiro. Nesse cenário, duas fases foram distinguidas no livro e a elas voltarei em Mariana. A primeira, a fase heroica dos tempos iniciais da fundação, ao longo da qual eu mostro que ela foi comandada pelo erudito ou *scholar* de tipo 1 ou o virtuose de horizontes largos e de mente enciclopedista, típico do intelectual das humanidades ou “des letres” como preferem os franceses, e que virtualmente poderia abrir caminho e nos levar ao polímata, não fosse o frescor da idade dos jovens

*normaliens* que não tinham concluído seu doutorado ainda, mas exibiam versatilidade e vasta cultura: estes, em filosofia, são os casos de Etienne Borne e Jean Maugué. A segunda, finda a segunda guerra, na época não mais heroica dos tempos da fundação, mas impessoal da institucionalização, com a Missão Francesa já ladeada por cerca de cinco jovens filósofos da casa, e com a filosofia profissional ou técnica já implantada na Maria Antônia – fase esta diferente da primeira, por ser mais orgânica e ter tido mais lastro, e acerca da qual eu mostro no livro que com sua instauração será a vez do *scholar* do tipo 2. Ou seja, o especialista, comandada por *normaliens* de meia idade, como Gueroult, que ensinou na USP em 1948-1950, quando ele beirava os sessenta anos, seguido ele por Granger, Lefort e Lebrun, aos quais se soma Francis Wolf – mais jovens, eles, mas com a carreira já encaminhada, tendo permanecido em contato com o Departamento e continuado influentes até bem mais tarde, mesmo depois de aposentados: uns ensinando filosofia antiga, como Wolf, outros epistemologia, como Granger, ou filosofia moderna, como Gueroult, ou filosofia política, como Lefort. Todos *scholars* de tipo 2, em suma, mas franceses e *normaliens*, com grande erudição filosófica e, ao mesmo tempo, autoridades e versados em suas áreas respectivas, mais ou menos amplas. E o que é importante: *scholars* em cuja trajetória, independentemente de terem tido a intenção ou não, terminaram por abrir caminho para o advento e o reinado ulterior do *scholar* americanizado, inclusive na USP, e como tal, não mais urdido pelas humanidades, mas modelado pelas ciências duras, na esteira da reforma universitária de 68 e por obra de duas agências brasileiras de fomento à pesquisa. Elas são a CAPES, ao implantar o SNPG e moldar o *Homo Qualis*; o CNPq, ao implantar o sistema PQ e moldar o *Homo Lattes*. O resultado de tudo isso é um novo mandarinato, a saber: o mandarinato do *scholar* de tipo 2 que ocupará toda a cena e levará ao virtual desaparecimento do *scholar* do tipo 1 entre nós. No mesmo compasso, junto com o novo mandarim, será a vez da filosofia técnica ou profissional, que ficará no lugar da filosofia diletante, com o ensaio cedendo o passo ao *paper* e o livro à revista ou ao *journal*, cuja resultante, num ambiente de um irresistível produtivismo, será a taylorização do conhecimento, tanto em São Paulo quanto no restante do Brasil.

O desafio, de minha parte, com o taylorismo como contraponto, consistirá em clarificar o liame entre os ilustres dois tipos de *normaliens* recenseados e os uspianos por eles modelados ao longo de uns bons cinquenta anos, tendo como protagonista a Missão famosa, e, assim, deixando na penumbra o papel endógeno e não menos essencial da CAPES e do CNPq – liame que eu venho trabalhando no momento ao explorar novas fontes a que eu cheguei pelas mais diferentes vias e ao qual pretendo voltar em Mariana e compartilhar os resultados com vocês.

## Referências

- Pierre Bourdieu & J.-C. Passeron, **La reproduction: Éléments d'une théorie du système d'enseignement** (Bourdieu, P. & Passeron, J.-C., Paris, Éditions de Minuit, 1970),
- Pierre Bourdieu, **Les héritiers: les étudiants et la culture** (1964), Eng. The Inheritors: French Students and Their Relations to Culture (Chicago, University of Chicago Press, 1979);
- Michèle Ferrand & Françoise Imbert, **L'Excellence scolaire : une affaire de famille. Le cas des normaliennes et normaliens scientifiques**, (Paris, L'Harmattan, 1999);
- Jean-François Sirinelli, **Génération intellectuelle : Khâgneux et Normaliens dans l'entre-deux-guerres** (Paris, Fayard, 1988).
- DOMINGUES, Ivan. **Filosofia no Brasil: legados e perspectivas - ensaios metafilosóficos**. São Paulo: Editora UNESP, 2017.